

O TRÂNSITO DE SENTIMENTOS ENTRE O DOCE, O NEM TANTO E O AMARGO

Lauren **Marchesano** – UFRJ

Resumo

Este trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa de doutorado realizada numa turma de crianças de 5 e 6 anos, de uma unidade municipal de Educação Infantil. Tem como objetivo discutir como as crianças respondem a leitura de textos literários que apresentam temas mais densos da condição humana como a perda, o abandono, a morte. Toma como contexto teórico-metodológico a concepção de linguagem, de Bakhtin e a de história e experiência, de Walter Benjamin. O princípio dialógico e o conceito de reviravolta dialógica são utilizados para a análise dos eventos de campo e permitem discutir o trânsito de sentimentos, que os textos lidos despertam nas crianças, entre o doce, o nem tanto e o amargo. Na primeira parte, traz a fundamentação bakhtiniana de linguagem. Na segunda, descreve o evento de pesquisa com o livro “O que tem dentro da sua fralda?”, de Guido Van Genechten; e, na parte final, traz reflexões e implicações pedagógicas sobre a leitura literária para e com a criança da Educação Infantil.

Palavras-chave: linguagem; leitura literária; reviravolta dialógica; literatura infantil; pré-escola.

O TRÂNSITO DE SENTIMENTOS ENTRE O DOCE, O NEM TANTO E O AMARGO

Introdução

O trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa de doutoramento realizada numa turma de crianças de 5 e 6 anos, de uma unidade municipal de Educação Infantil. O objetivo geral da investigação é compreender as possibilidades de articulação da leitura literária de temas vinculados ao sentido do trágico na Educação Infantil. Tomo a defesa de Paulino (2008, p. 807), que justifica o tratamento do sentido do trágico hoje

para a vida, uma vez que “significa encarar uma educação na vida e pela vida, em seus vieses de ação política, econômica, intelectual, emocional, ética e estética, entre outras”.

A concepção de linguagem como atividade constitutiva dos sujeitos com base em Bakhtin (2003) fundamenta a pesquisa e se integra à abordagem histórica do tempo vivido que segundo o conceito Benjaminiano, marca a experiência simbólica da realidade de significância do sujeito para além do tempo presente.

A tensão de velamento e desvelamento provocado pela literatura lança-nos num trânsito de sentidos convocando-nos ao deslocamento e enfrentamento dos dramas humanos a fim de contemplar as possibilidades de uma resposta pessoal e transformadora pela linguagem na pré-escola. Destarte, na e pela linguagem conhecemos a nomeação que a criança dá ao seu drama na experiência do sujeito e do viver sentimentos contraditórios estendendo-a à relação com “o outro” e compreendendo melhor sua subjetividade.

O evento de pesquisa selecionado aconteceu durante a etapa das ações propositivas da pesquisa qualitativa em fase de conclusão, cuja metodologia tem dupla perspectiva: estudo exploratório e estudo de caso. As práticas de leitura de livros de literatura infantil com temas em interlocução com o sentido trágico, definido na investigação como o campo das ambiguidades humanas, não foram encontradas no grupo de referência em educação infantil (GREI5). Partindo dessa constatação, após sete meses, propus a realização de algumas oficinas de leitura literária para apresentação de livros a serem apreciados pelas crianças, com o objetivo de compreender as respostas dos leitores infantis. Essa ação deslocou o aprofundamento da pesquisa para as respostas das crianças e a convocação ao enraizamento da experiência constituinte dos sujeitos desde a infância.

A partir da leitura prévia dos livros elaboramos, com a colaboração da professora, um roteiro para as oficinas, que incluía as conversas prévias e pós-oficinas. O evento narrado resulta da leitura do livro “O que tem dentro da sua fralda?”, de Guido Van Genechten, traduzido por Vânia M. A. Lange, editado pela Brinque-Book, em 2011, com 29 páginas. É um livro da biblioteca da unidade municipal de Educação Infantil, que as crianças do GREI5 já conheciam. Justifica-se este evento porque foi o primeiro com um livro eleito pelas crianças sem um tema e uma provocação trágica explícita. O envolvimento na oficina me permitiu discutir o trânsito de sentimentos, que o texto lido despertou nas crianças, entre o doce, o nem tanto e o amargo. Além disso, esclarecer o sentido do trágico para as crianças do GREI5. Afinal, “o trágico para

quem”)? Oito sujeitos estavam presentes (3 meninas e 5 meninos): Mirtes, Julia, Miriam, Guto, Alex, Luciano, Karlos, Renê, do conjunto de doze listadas no diário do GREI5. A colocação da colcha de tecido no chão demarcou o lugar da oficina e promoveu um despojamento nas crianças para as oficinas de leitura. Elas passaram a se apropriar do novo lugar para ouvir e responder as leituras. Abaixo, o recorte do evento de pesquisa nomeado.

Ratinho Rabito

Caderno de campo II, segunda-feira, 21/10/13.

(...)

Pesquisadora (P): - Eu trouxe o que vocês pediram... Vamos começar com este livro. Onde eu achei esse livro na escola?

Mirtes e Miriam: - Na biblioteca.

P: - É. Este é da escola, não é meu. É da biblioteca.

P: - Quando vocês olham para este livro qual nome dão a ele? Eu já ouvi vários nomes diferentes do que está escrito aqui. É o livro que vai contar a história...

Mirtes: - Do ratinho e dos outros animais.

Karlos: - da biblioteca.

P: - Eu quero conversar com vocês sobre ele.

P: - Vocês não estão sentindo um...cheirinho, não? Quando eu olho esse livro penso logo em...

Miriam: - Cocô.

Mirtes: - Ele não faz.

P: - Cocô. Será que tem a palavra cocô aqui dentro? Para mim ele é o livro do cocô.

P: - Esse aqui, quem é?

Crianças (Milena, Miriam): - Ratinho.

P: - Qual o nome você daria para ele?

Karlos: - Rabito.

Renê e as outras: - Do Carossel (referência à novela do SBT).

P: - Tem rato Rabito no Carossel?

Crianças: - Não.

P: - Ah, agora vamos chamar esse ratinho Rabito para nossa roda... Olá, Rabito, tudo bem?

P (lendo): - *Ratinho é muito curioso. Ele gosta de descobrir como tudo é por dentro. Mexe em cada burquinho que vê.*

P(lendo): *Coelho, deixa eu ver o que tem dentro da sua fralda? Claro, vá em frente.*

P: Quais os nomes do cocô?

Mirtes: - Cocô.

P (lendo): *Cabrita, deixa eu ver o que tem dentro da sua fralda? Pode olhar a vontade e levantou os braços para ajudar ratinho. Exatamente como eu pensava, cocôzinhos de cabra. (As crianças abaixam as fraldas móveis do livro).*

(...)

Renê: - Minha mãe já pisou no cocô na rua.

Karlos: - Eu tenho uma galinha aí eu piso no cocô dela.

Mirtes(olha as imagens): - Esse parece cocô velho.

P: - Alguém pisou em cocô, na rua.

Renê: - Eu vim de carro.

P(lendo): *Porquinho, será que eu podia espiar sua fralda? Bem, pode sim. Eu bem que imaginei, disse Ratinho. O que vai acontecer agora?*

Mirtes: - Todo mundo usava fralda.

P: - E quando a gente não é mais bebê faz cocô na calça?

Crianças ao mesmo tempo: - Eu não, eu não.

P: - E quando escapole... Se a gente acorda todo molhado, como é que fica...

Mirtes: - Todo molhado.

Outra: - Fedendo.

P: - O que falam?

Mirtes: - Você tá fedendo...

Julia: - Meu colega faz...

Karlos: - Meu primo faz.

P: - E aí?

Karlos: - A mãe diz que não é para fazer.

P: - E se fosse eu, como eu iria me sentir? E você?

P: - Eu ia sentir vergonha.

Mirtes: - Tia, minha vó peida.

Crianças: gargalhadas.

(...)

Mirtes: - Uma vez, minha prima sentiu vergonha.

P: - Esta palavra vergonha aparece...

Mirtes: - dentro da gente.

P: - Na oficina vamos falar de nossos sentimentos...

P: - Pode ter medo, vergonha?

Miriam, Renê: - Alguém soltou um “pum” aí.

(...)

Mirtes: - Minha avó fez cocô na calça...

Karlos: - Eu fui saí pra comer pizza. Aí estava tomando muito refri. Aí eu fui correndo...meu xixi queria sair. Aí eu corri pro banheiro e...ah...

P: - Olhem a cara de alívio dele. Quando está com dor de barriga dá tempo?

Renê: - Tem de ir correndo...

(...)

P: - Mas se a gente está perto de um adulto que fala: "seu porco!" Aí a criança se sente...

Renê(interrompendo): - Culpada.

P: - O cocô diz assim: "eu quero sair..."

Crianças: Risos.

Tecendo a análise

Para analisar o evento selecionado, a categoria “o trânsito de sentimentos entre o doce, o amargo e o nem tanto” surge enquanto um processo de aproximação da criança com o/no discurso literário do sentido trágico para a experiência constituinte de leitor no mundo contemporâneo¹. As discussões de Jameson (1997), ao tratar da força dominante da cultura contemporânea que favorece e intensifica os apelos midiáticos, salientam a preocupação que enfrentamos no trabalho com a literatura para “a diversão”, sem a propriedade reflexiva, o que pode distorcer um processo literário como um bem cultural de autoconhecimento e conhecimento do “outro literário”. Em oposição à força cultural de fixação de padrões destacadas por Jameson (1997), o convite de Candido (2011) imprime uma exigência de concepção da literatura como direito indispensável para a sobrevivência da fabulação como elemento de organização individual, social e como um bem incompressível para a condição humana.

O livro mostra a curiosidade de Ratinho, que gosta de descobrir como tudo é por dentro, inclusive as fraldas de seus amigos. Ao final, eles também querem ver a de Ratinho. A surpresa é que a dele está limpa porque faz cocô no penico.² A leitura capa a capa de todo material impresso do livro, avultou a compreensão de sua natureza dialógica como um espaço inter-relacional e propiciador de convocações estéticas,

¹ Assim, denominamos: o doce, histórias para rir e brincar. O nem tanto: histórias para rir, brincar e começar a sentir medo, vergonha e outros sentimentos. O amargo: histórias mescladas de dor e lágrimas.

² Texto impresso na quarta capa do livro “O que tem dentro da sua fralda?”

muito além da superficialidade automatizadora.

O processo de leitura e a seleção prévia foram respeitados. As oito crianças me olhavam, desejando falar, mas contraditoriamente expressavam a tensão entre o doce da leitura iminente e a expectativa de cumprir a regra da professora e o amargo da repreensão. Convoquei-as a “entrarem no texto”, uma vez que o discurso ficcional e o apelo da produção editorial me ajudariam a atrair os gestos de leitura das crianças, mexendo na fralda móvel do ratinho e dos outros bichos.

A posição de leitora de referência me fez estimular as impressões sinestésicas das crianças para simbolicamente interagirem com o cheio e as formas do cocô, na dimensão do lúdico. O riso solto e os olhos grudados na narrativa lançaram às crianças ao esvaziamento das normatizações antecipadas, possibilitando acessarem e preencherem o fluxo verbal. Algumas assumiram que “xixi”, “cocô” e “pum” também fazem parte de suas “vergonhas” e “constrangimentos”. Na dimensão do coletivo, os dramas infantis são revelados pela anunciação da própria criança em sua expressão de vergonha e culpa. Isso as aproxima da convivência social na perspectiva desafiadora de Candido (2011). E o sentido do trágico defendido na pesquisa articula-se no enfrentamento do trágico na/pela linguagem, na escola, de forma reflexiva e filosófica, como espaço de experiência e formação para além do tempo presente, que é muitas vezes fragmentado e abreviado (BENJAMIN, 1994). O direito à literatura incluiu a experiência não muito agradável, a exemplo da avó, com o cocô. A leitura literária nesse horizonte “estende suas raízes pelo corpo inteiro” e as crianças mergulharam responsiva e responsabilmente no ato ético e estético do conhecimento de si e do outro.

Gargalhar é permitido, mas a transição do riso para as enunciações mais amargas de vergonha e culpa sugerem a catarse. As respostas das crianças no evento apresentado evidenciem a motivação do grupo para falar e transformar o que sentem em riso, confissão e alívio. O conceito de “reviravolta dialógica” sustenta o enunciado das crianças para o tema do cocô e os discursos sobre ele, além de imprimir alusões, diferenciações e atravessamentos sígnicos ao tema a partir da palavra das outras crianças.

Reflexões e implicações pedagógicas

A análise do evento evidencia que as crianças podem assumir a narratividade de si e do outro num trânsito entre o doce, o nem tanto e o amargo rumo ao conhecimento

das ambiguidades da condição humana. Referencia categorias para a organização e análise de outros eventos de pesquisa em coleções a partir de sentimentos derivados das enunciações infantis, que trazem à criança à posição de co-autora autêntica da pesquisa. A denominação em questão sugere a inserção da criança no universo de conhecimentos simbólicos para construir novos valores e responder, na e pela linguagem, aos desafios da vida coletiva, fluindo com corporeidades concretas, sociais e históricas, nomeando suas experiências com o sentido do trágico.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.

CANDIDO, A. Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

JAMESON, F. A lógica cultural do capitalismo tardio. In: *__ Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997, p. 27-79.

PAULINO, G. Reprovando o trágico: sociedade de consumo e poesia na escola. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v. 8, 2008, p. 803-828.